

entrevistas APIEE: a instrumentação, medição e ensaios com Bruno Pires

João Rodrigues

Diretor Executivo

APIEE - Associação Portuguesa dos Industriais de Engenharia Energética

Tendo a presente edição da revista “o electricista” um **dossier** dedicado à instrumentação, medição e ensaios, as quais são potencialmente aplicáveis em todos os tipos de infraestruturas, e considerando a atual situação caracterizada por grandes transformações, induzidas pela necessidade de descarbonização das operações de todos os agentes económicos, iremos no decorrer da presente entrevista debater como as empresas associadas da APIEE se posicionam para prestar um serviço de excelência aos seus clientes. Nesse sentido, estive à conversa com Bruno Pires, Diretor Departamento Transição Energética do PAINHAS, S.A..



João Rodrigues (JR): Começo por pedir que apresente o Grupo, em toda a sua amplitude e transversalidade.

Bruno Pires (BP): A PAINHAS, S.A. nasceu em Portugal em 1980, tendo no seu percurso desenvolvido e solidificado equipas de Gestão e Operacionais altamente especializados, quer em termos de *know-how*, quer em tecnologia e equipamento. O desenvolvimento da atividade que se iniciou nas áreas de produção, transporte, distribuição e manutenção de redes e infraestruturas de Energia & Telecomunicações, ao longo destes 45 anos, tem sido paralelo ao crescimento da empresa e da oferta de soluções globais.

O alargamento no âmbito das áreas de formação, águas, gás, construção civil são resultado de uma visão estratégica que tem bem definida os eixos de atuação que complementam a oferta de serviços, numa visão global e integrativa, sempre com o objetivo de satisfazer

as necessidades dos clientes. Nesse sentido, estamos na vanguarda da transição energética: tanto em projetos de mobilidade, *smart cities*, entre outros, como na área das energias renováveis e, principalmente, nos maiores projetos fotovoltaicos e BESS (*Battery Energy Storage Systems*). A reinvenção e adaptação são palavras de ordem que dão enfoque à energia no crescimento e desenvolvimento do plano de globalização da empresa.

JR: Como observam as expectativas atuais e futuras das empresas para as quais trabalham e como se preparam para responder a essas expectativas?

BP: As expectativas dos clientes mudaram muito nos últimos anos. Hoje, cumprir prazos e qualidade já não chega — procuram parceiros que assegurem segurança, fiabilidade e capacidade de resolver imprevistos. Cada vez

mais, pedem soluções chave-na-mão, em que a nossa empresa assume planeamento, execução e integração de todas as fases do projeto até à ligação à rede. Essa verticalização dá confiança e simplifica o processo.

No futuro, estas exigências vão aumentar: maior foco na segurança operacional, no cumprimento de normas e na rapidez de resposta a problemas. Para isso, reforçamos a formação das equipas, investimos em meios técnicos próprios e mantemos uma estrutura flexível que garante resultados mesmo nos projetos mais complexos da transição energética em Portugal.

JR: Como é que uma empresa prestadora de serviços, como a vossa, contribui diretamente para essas necessidades dos clientes?

BP: Uma empresa deve assumir esse papel através de uma visão de parceria de longo prazo com os clientes. Não nos limitamos a construir. Ajudamos a pensar e a integrar soluções desde a conceção até à entrega final. Acreditamos que só com formação contínua e a introdução de tecnologia de ponta, ajustada aos desafios atuais, é possível garantir a conformidade com os mais elevados padrões de qualidade e segurança.

Outra vertente essencial é a capacidade de entregar projetos chave-na-mão, já

